



ANTÓNIO BARAHONA

O SENTIDO DA VIDA É SÓ CANTAR
(SUMA POÉTICA)

SEGUNDO TÔMO

NOITE DO MEU INVERNO



AVERNO | 2016





© AVERNO

Apartado 15216
1074-005 Lisboa





ANTÓNIO BARAHONA DA FONSECA
MUHAMMAD ABDUR RASHID ASHRAF

NOITE DO MEU INVERNO

com um poema
de
Ruy Cinatti





NÓTULAS

Noite do meu Inverno versa textos escolhidos dos primeiros livros, dispersos, conjuntos, transcrições e inéditos, desde 1958 até 2015.

§

A ortografia neste livro, tal como em todos os nossos livros, é pessoal (variável conforme os contextos), indissociável da nossa poética (o que implica a sua conservação) e inspirada no critério biológico, estético e prosódico de Teixeira de Pascoaes: *A Fisionomia das Palavras*.





PREFÁCIO

Condição de poema:
paixão libertadora
tanto quanto a unção
da disciplina à hora
do coração caça-
dor da voz humana

Condição de poema:
palavra redemptora
tanto quanto a unção
do silêncio à hora
do coração caça-
dor do som à sôlta

Condição de poema:
não haver condição nenhuma

Lx.^a, 26.I.85





SUMÁRIO

Sentimento

Sombras bem recortadas

Doente só de amor

Felicidade efémera

Vislumbre da felicidade eterna

Dor de separação

Angústia depurada

Esperança sem nenhuma inocência

Hymno de acção de graças.





INSCRIÇÃO

Renovo a melodia no desgaste
já quase surdo-mudo e quase cego
por muito amar o som e a côr do sangue





MEMÓRIA INICIAL

Agora, que começo a ver-me ao espelho,
é que vejo quão breve a juventude
passou, com curta rapidez silente,
a quatro e quatro, escadaria abaixo

Quantos mais anos conto mais desejo
viver, e não virar costas à morte,
lançando na mulher minha semente,
tornada, pela carne, em grãos de trigo

Espôsas, filhos, livros: de vós todos
amante, pai e autor; mais de mil versos
restam pra me manter de pé perante
Deus, que não dá descanso ao meu amor

Lx.^a, 2002





PROFISSÃO

I

Pratico uma espécie de religião re-
velada nos vocábulos: vocalizo uma
auto-devoração devota,
posta à escruta, rotativa, rarefeita
até à grande obra.

Lx.^a, 3.XII.83





II

A minha grande obra é apenas um único
verso
dividido linha a linha

Lx.^a, 28.XII.84





III

Um lápis a fluctuar nas águas do Génesis

§

Perfeito o horizonte se descerra
tènicamente pela mão de Deus

§

Um afluxo de sangue com vista para o rio

Lx.^a, Travessa da Palmeira, 1984





IV

Olhava lá do alto daquele combro
a melodia,
tão merencória na infância, ata-
viada de fitinhas no chapéu de palha

Desceu o vizo cuidadoso
e, dali em diante, apressado
com a clavina no romance de Camilo
Castelo Branco,
um missal,
cacos de vitral,
uma caveira e um látigo.

À-do-Longo, 1985





V

Plumas de papel
escrito dos dois lados
com profundas rasuras
que atravessam os poros

Plumas que semeiam
um jardim de pombos
a florir plâncton
na flotilha dos teus ombros

Plumas perpétuas:
buganvílias
em antigas telefonias
a ecoar bigornas

Plumas, panteras
com caudas de pavão
calculadas nos mínimos
pormenores de som

Lx.^a, 29.XI.84





VI

Sob telha valadio verifico a
voz da Flor Azul: sempiterno re-
torno por Moçambique, Velha Goa,
num ápice de lenda que se lê
devagarosamente à luz da sombra

Os ecos da canção trazem-me dantes
à cadeira que fui buscar ao lixo,
na qual soletro só silêncio d'osso
num caderno de versos navegantes
votado à derrota do som puro

Correr da água em manhã d'estio...
Correr, chapéu de palha com fitinhas...
Tu, em câmara lenta, a apanhar papoilas,
envolta em pétalas no meio do trigo

À-do-Longo, 29.XI.85





VII

Na água furtada a flores
com o saxe por mistura
reduzia a febre às côres
do perfil em miniatura

O meu ser ficava breve
tão sólido e tão nítido:
negro, sêco, apocalyptico,
lábil num campo de neve

§

Apenas na brancura uma dedada firma
continuação da única leitura nua

Pausas, traços — alguns sinais de morte
Apenas vida nova a cada verso-mate

Lx.^a, 9.IV.83





VIII

Que exclamativa música, que obducta treva
surdia da brancura surda a trote
na banda desenhada que descreve a chuva!

Que extensa cotovia aparecida
com tantas cabras e a dama em pé
de guerra ao pé da gruta estereofónica!

Pangim, 1982





IX

Uma noite ao relento a colorir o frio
de rua para rio de nuvem para núcleo
em jogos de pedrinhas e mais sério de súbito
um denso deflagrar de silêncio uma gaivota

Coimbra, 21.VI.78

